



A Filosofia da introversão na Índia Védica Antiga

Iasminy de Paula Berquó

Resumo: Os povos arianos invadiram a Índia por volta do segundo milênio a.C. A partir de diversos conflitos, estes povos instalaram no Vale do Indo, local hoje ocupado pelo Paquistão, a cultura védica. Desta forma, o presente trabalho objetiva analisar as principais etapas percorridas pela cultura védica antiga, enfatizando o período em que esta privilegiou os aspectos do Eu interior. Explicitando assim, características próprias da filosofia bramânica da introversão, como também a modificação que esta proporcionou às concepções previamente estabelecidas.

Palavras-chave: Bramanismo; Cultura Védica; Filosofia da Introversão.

Abstract: The Aryan people invaded India around the second millenium b.C. After various conflicts this people installed in the Indo Valley, known today as Paquistán, the vedic culture. Therefore the present work aim to analyze the main course of the ancient vedic philosophy, emphasizing the period in which it privileges the aspects of the inner-self. Expliciting this way, characteristics inherent. From the brahminical philosophy of introversion, as also the modification that it provides to the conceptions previously established.

Keywords: Brahmanism; Vedic Culture; Introversion Philosophy.

As invasões arianas no norte da Índia ocorreram por volta do segundo milênio a. C. Novas concepções acerca da espiritualidade foram trazidas e resignificadas a partir do contato com os povos dravídicos (pré-arias). Embora os arianos apresentassem maior poder de dominação e subjugação, não “soterraram” totalmente a religião das civilizações que ali residiam, mas a adaptaram.

Os arianos impuseram suas formas tradicionais de vida e língua, devido ao fato de possuírem grande poderio militar (FONSECA, 1992: 19). Assim, a filosofia védica, baseada nos Veda (palavra sânscrita que significa *conhecimento*), foi estabelecida como a principal forma de se pensar e seguir a espiritualidade.

A busca de um fator unificador que promova a fundamentação na multiplicidade é um objetivo da filosofia védica. Possui como meta última o conhecimento e controle do poder oculto que a tudo precede e reside no interior de todas as coisas. Na antiga idade védica, a transcendência da mente se realizava através do “caminho da devoção” (*bhaktimārga*), método de dedicação sincera aos deuses, cultos e ritos (ZIMMER, 2005: 257). Deste modo, o Universo se constituía a partir de um princípio transcendente não-dual, ou seja, tanto a Suprema Realidade transcendente quanto as decorrentes manifestações mundanas, em essência, são o mesmo.

A filosofia ortodoxa hindu se fundamentou na antiga religião ária dos Vedas. Desta maneira, a incorporação das deidades guardiãs, a redução do prestígio dos deuses e a permanência dos altos postos das deidades são características marcantes. Portanto, o bramanismo se estruturou baseando-se nesta antiga religião, no qual preserva muitas concepções, como também participa de dois momentos diferenciados: “o caminho da atividade ritualística” (*karmanārga*) e o “caminho do conhecimento” (*jñānamārga*).

O bramanismo se estabeleceu por volta do século IX a. C, e fez parte da filosofia védica, pois se constituiu a partir dela. Logo, os antagonismos, na visão bramânica, são considerados meramente fenomênicos, e uma forma de se compreender o transcendente, e, conseqüentemente, o divino. Assim, um fator componente da obsessão bramânica, é compreender a natureza da força presente em todas as partes, na qual se apresenta para o homem sob a influência de inúmeros disfarces. Determinadas máscaras são o principal objeto de estudo da teologia, que busca a compreensão das várias faces do poder divino e seus “nomes” correspondentes.

Inicialmente, os rituais e sacrifícios ocupavam uma posição de extrema importância no bramanismo. O estudo detalhado do plano mágico ritualístico e a realização perfeita dos rituais compunham a principal fonte de conhecimento e contato com os seres divinos (caminho conhecido como *karmanārga*). No entanto, com o passar dos tempos, o *jñānamārga* foi ascendendo, proporcionando assim um enfoque no estudo de conceitos abstratos da metafísica.

O *jñānamārga*, em sua profundidade de estudo, objetiva atingir a interpretação, através do entendimento das estruturas de igual valor do Universo e da natureza humana. Devida equivalência constitui a chave de compreensão dos potenciais do corpo humano, como também os poderes específicos do mundo exterior. Assim, a investigação bramânica atingia dois planos: um macrocósmico e outro microcósmico. A ligação entre estes dois domínios era

estabelecida através da contactação do Eu interior, e a conseqüente posse do poder cósmico divino, promovendo assim a permanência em um estado que ultrapassa as misérias materiais.

Em séculos posteriores, os filósofos bramânicos não almejavam compreender o mundo exterior e suas consecutivas máscaras que acabavam por ocultar a substância eterna e desencadear inúmeros sofrimentos. Neste momento, os estudos enfocavam o mistério do Eu, o mundo interior, o universo interno do próprio homem. Desta maneira, a orientação do pensamento que ansiava uma teologia ritualista e respeitante ao universo visível foi desvalorizada.

Os filósofos da introversão relegaram a um segundo plano as numerosas deidades antropomórficas, governadoras legítimos tanto do macrocosmo como do microcósmico organismo humano. Essa nova geração de filósofos focalizou no princípio sobrenatural que a tudo precede e proporciona todas as forças, fenômenos e regentes divinos do mundo material. Deste modo, a energia que antes era despendida para o estudo e desenvolvimento de mecanismos para a dominação de forças divinas e demoníacas do cosmo, foi agora dirigida para o interior, entrando em contato com a força vital Suprema. Assim, segundo os filósofos, a captação da energia cósmica parte da própria fonte, na qual apresenta o máximo de força e abundância.

A partir das novas valorizações da compreensão do Eu interior, os filósofos procuravam entender tanto as forças sensoriais da percepção (audição, visão, olfato, paladar e tato) como as cinco forças sensoriais do conhecimento, denominadas *jñānendriya*. Logo, o desfrute decorrente de determinados sentidos proporcionava misérias para o *bhoktr*, ou seja, aquele em que o Eu se encontrava interligado com as forças sensoriais e a mente. O caminho, reconhecido como verdadeiro e responsável por desvencilhar o Eu deste gozo e sofrimentos específicos se constituía no denso conhecimento íntimo do Eu, *vijñāna*, que permitia ao indivíduo o saber do universo visível e tangível e as conseqüências dos apegos e interações neste plano.

O corpo na literatura sagrada da Índia representa um altar védico, assimilando-se ao Cosmos. Deste modo, o homem reproduz, em escala humana, o sistema de condicionamentos e ritmos que caracterizam e constituem, partindo do seu mundo, todo o Universo (ELIADE, 1992: 142). Assim, o microcosmo permite o desvendamento das estruturas que aprisionam e promovem a transcendência da alma. Determina disciplinas próprias para a aquisição da sabedoria do Eu, a meditação, a constância da mente e o alcance da liberação última e auto-realização.

Desta maneira, a tese bramânica fundamental defende o Uno como o primeiro, o último e a única realidade. Este compreende todos os pares de opostos procedentes do mesmo. Portanto, tanto a realidade material mundana como a realidade transcendente partem deste Um. O não-dualismo característico das filosofias arianas defende a idéia de que a noção dualista da existência, na qual ocorre a separação entre material e espiritual, reflete a natureza da mente aprisionada ao campo dos nomes e formas, conhecido como *nāmarūpa*. Todavia, para se alcançar o objeto último do pensamento e a meta final do conhecimento, os filósofos bramânicos da introversão destacam a necessidade de caminhar além do alcance de *nāmarūpa*. A solução defendida pelos filósofos para ultrapassar essa realidade densa e de constantes apegos é a sintonia com o *brahman*, poder sagrado que transcende tanto o corpo quanto o mundo interior e exterior de formas e experiências.

O novo período vivenciado pela filosofia bramânica, no qual o mundo componente do Eu interior e o seu mistério adquiriram extrema relevância para a aquisição da sabedoria espiritual máxima, refletiu na sociedade indiana do século IX a. C, propiciando a modificação de valores pré-estabelecidos pelas civilizações não arianas que ali residiam. O aspecto Uno do Supremo e o não-dualismo é uma das características modificadoras das concepções antes estabelecidas que conferia aos deuses bastante influência, e a presença do dualismo promovia a separação absoluta entre *jīva*, entidade viva, e a *matéria cármica*, fruto das ações e reações individuais.

Assim, as mudanças nas estruturas do pensamento não se restringiram somente à teoria de um grupo irrelevante. Pelo contrário, estabeleceram o início de uma nova era do pensamento indiano, como também na constituição de condutas e disciplinas específicas ao novo contexto.

Bibliografia

- BATISTA, R. S. *Deuses e Homens: mito, filosofia e medicina na Grécia Antiga*. São Paulo: Landy, 2003.
- BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. São Paulo: Ed. USP, 1991.
- ELIADE, M. *Entre o Sagrado e o Profano*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ELIADE, M. *Mito e Realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JÂMBLICO. *Sobre los misterios egipcios*. Traducción de Enrique Ángel Ramos Jurado. Madrid: Gredos, 1997.

PLOTINO. *Tratados das Enéadas*. Tradução de Américo Sommerman. São Paulo: Polar Editorial, 2000.

SCARPI, Paolo. *Politeísmos: as Religiões do Mundo Antigo*. São Paulo: Hedra, 2004.

SISSA, G. e DETIENNE, M. *Os deuses gregos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.